

Haroldo Hollanda ~~COMPARA~~

Sarney resolve compor maioria

«Este filme eu já vi», recorda-se na Câmara, o ex-ministro e deputado Expedito Machado, do PMDB, estabelecendo um paralelo entre os acontecimentos que levaram à deposição do governo João Goulart, que integrou até março de 64, e o que se passa neste momento com o presidente Sarney. Segundo ele, o presidente se viu de repente ilhado no Congresso, sem uma base capaz de sustentá-lo politicamente. No entender do ex-ministro, a designação do deputado Carlos Sant'Anna para líder da maioria na Câmara se insere numa ampla estratégia política, verdadeira revolução nos métodos políticos do governo, que o presidente Sarney resolveu adotar, a qual será completada com ampla e profunda reforma ministerial. «Quem mais vai sofrer com ela será a Frente Liberal», comenta com uma ponta de ironia.

«O presidente Sarney resolveu por o pé no Congresso e vai fazê-lo com toda firmeza», acrescenta Expedito Machado. Segundo sua análise, a grave crise pela qual passa o governo é toda de caráter político. O governo precisa, para enfrentar a conjuntura econômica adversa, tomar medidas amargas, mas não dispõe para tanto de cobertura política. Por outro lado, as ações políticas são feitas e desenvolvidas individualmente. O problema, de acordo com seu entendimento, é que o presidente Sarney se encontrava no Congresso sem canais de comunicação política adequados. O ministro Marco Maciel é do PFL. O ministro Paulo Brossard, apesar de ser figura respeitável, não dispõe da necessária flexibilidade para ser o canal que o governo necessita. Ficou claro, desde a primeira hora, que a indicação do líder da maioria, feita pelo presidente, não era o caminho mais indicado. Mas o presidente, em face das circunstâncias, não dispunha de outra alternativa. O elemento que ele tradicionalmente recorria para se comunicar com o PMDB era o deputado Ulysses Guimarães. Mas Ulysses só cuida dos seus interesses imediatos, ouvindo um pequeno grupo de políticos, que não representa o pensamento da maioria do partido.

Para o deputado Expedito Machado, os sinais de desagregação política, de falta de comando no PMDB se tornaram visíveis através de declarações de irredentismo político, como as que acaba de fazer o senador José Richa, e um dos seus parceiros políticos, o senador Afonso Camargo Neto. Cita-se como prova da omissão de qualquer tipo de coordenação política a composição da Mesa da Câmara, que se processou estimulada exclusivamente por ambições de fundo individual. Do mesmo modo o preenchimento da liderança do PMDB na Câmara se fez sem que o governo fosse ouvido e consultado quanto à sua conveniência. Quando quis esboçar um gesto de reação já era tarde demais e o presidente Sarney foi aconselhado a não entrar na disputa, pois corria o risco de ser derrotado. Daí a razão pela qual se partiu para a idéia da indicação do líder da maioria, uma vez que o próprio deputado Sant'Anna talvez não tivesse condições de derrotar o deputado Luiz Henrique.

Outra preocupação do governo se encontra relacionada com a Constituinte. O governo se acha na disposição de orientar sua maioria de acordo com a concepção de que a Constituinte tem uma única e importante missão a cumprir, que é a de elaborar uma nova Constituição para o país.

Reforma do governo

O senador Edison Lobão, do PFL do Maranhão, é da opinião de que o presidente Sarney vai compor sua maioria no Congresso. E será em função dessa nova maioria que se realizará a reforma ministerial, prevista para ocorrer até 15 de março, no mais tardar. O parlamentar maranhense recorda que o PMDB elegeu os governadores de 22 dos 23 estados da Federação, graças ao prestígio do Plano Cruzado e ao apoio que recebeu do presidente Sarney. Mas agora esquece as vitórias que obteve e negocia seu apoio ao governo, em face das dificuldades da hora presente.

Advertência

O deputado Francisco Pinto, do PMDB, figura de expressão da esquerda-independente do partido, adverte para os riscos políticos em que incorrerá o governo, se vier a se dissociar dos grupos progressistas da Câmara. Segundo ele, há indicações no ar, a começar do acordo do governo com o PTB, que podem conduzi-lo a compromissos com os grupos mais à direita do Congresso. Faz ver que a chamada esquerda inorgânica, em atuação principalmente do PMDB, mas disseminada por outros partidos, pode não ter expressão eleitoral, mas detém com sua palavra poder de irradiação política bem extenso. As idéias que defende e as causas que levanta vão com o tempo sendo absorvidas pela sociedade.

Pressa de Ulysses

Dois políticos de pensamentos diversos, mas ambos qualificados intelectualmente, o ex-senador e deputado Aluísio Chaves, do PFL, e Nelson Jobim, do PMDB, estão defendendo a criação na Constituinte de uma comissão de sistematização de todos os textos. A ela caberia, em instância derradeira, compatibilizar e harmonizar os diferentes capítulos da futura Constituição. Ambos entendem que se não houver um órgão dessa natureza, a Constituinte corre o risco de elaborar obra desconexa e anárquica, sem nenhum espírito de unidade. Por exemplo, uma das comissões pode orientar seu trabalho na direção de que o regime deve ser parlamentarista, enquanto outra produzirá documento de cunho presidencialista.

Revelação do deputado Aluísio Chaves: o deputado Ulysses Guimarães é da opinião de que se deve promulgar a nova Constituição até o dia 7 de setembro. Segundo Ulysses, quanto mais tempo demorar a Constituinte, será motivo de crises, sem falar na expectativa que cria no plano econômico, inibindo investimentos.

Dúvida

Numa roda ontem na reunião da bancada do PMDB na Câmara, o deputado baiano Virgildásio de Senna, da esquerda-independente, observou que o parlamentarismo talvez seja «o melhor regime para resolver as dúvidas hamletianas em que mergulhou o presidente Sarney».